

MILAGRES

DEUS MOSTRA SUA PRESENÇA E PODER

"O SENHOR atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu."

1Reis 17.22

A Escritura não tem uma palavra específica para milagre. O conceito é uma combinação de ideias expressas por três termos: *maravilha (ou prodígio)*, *obra poderosa* e *senal*.

Maravilha é o primeiro conceito (*milagre*, do latim *miraculum*, tem o sentido de algo que evoca admiração ou espanto). Um milagre é um acontecimento observado que desperta a consciência da presença e do poder de Deus. Providências e coincidências surpreendentes, e eventos admiráveis como um parto, tão significativos quanto às obras de um novo poder criativo, e são apropriadamente chamados milagres, uma vez que comunicam essa consciência. Ao menos neste sentido, há milagres hoje em dia.

A *obra poderosa* enfoca a impressão produzida pelos milagres e aponta para a presença na história bíblica dos atos sobrenaturais de Deus, envolvendo o poder que criou o mundo do nada. Assim, a restauração dos mortos à vida, que Jesus realizou três vezes, sem contar sua própria ressurreição (Lc 7.11-17; 8.49-56; Jo 11.38-44), e que Elias, Eliseu, Pedro e Paulo fizeram uma vez cada um (1Rs 17.17-24; 2Rs 4.18.37; At 9.36-41; 20.9-12), é obra desse poder criativo. Ela não pode ser explicada em termos de coincidência ou pela natureza no desenvolvimento de seu curso. O mesmo é verdadeiro sobre as curas orgânicas, muitas das quais são narradas pelos Evangelhos: elas também demonstram recriação e restauração sobrenaturais.

O *senal*, como um rótulo para os milagres (o rótulo usado regularmente no Evangelho de João, onde sete milagres-chave são registrados), indica que eles significam alguma coisa; em outras palavras, eles carregam uma mensagem.

Os milagres na Escritura estão quase todos agrupados no tempo do êxodo, de Elias e Eliseu, e de Cristo e seus apóstolos. Antes de mais nada, eles consagram os operadores de milagres como representantes e mensageiros de Deus (cf. Êx 4.1-9; 1Rs 17.24; Jo 10.38; 14.11; 2Co 12.12; Hb 2.3, 4), e também anunciam algo do poder de Deus na salvação e julgamento. Tal é seu significado.

A crença no miraculoso é inerente ao Cristianismo. Teólogos que refutam todos os milagres, obrigando-se, assim, a negar a encarnação e a ressurreição de Jesus - os dois milagres supremos da Escritura - não devem alegar que são cristãos: a alegação não é válida. A rejeição de milagres pelos cientistas de ontem não resultou da ciência, mas do dogma de um universo de absoluta uniformidade que os cientistas incorporaram a seu trabalho científico. Nada há de irracional na crença de que Deus, que fez o mundo, pode ainda penetrar nele criativamente. Os cristãos devem entender que não é a fé nos milagres bíblicos e na capacidade de Deus operar milagres hoje, se assim o quisesse, mas a dúvida acerca dessas coisas que é irracional.

Teologia concisa, J. I. Packer, Editora Cultura Cristã